



LINHA 1: Línguas e Literaturas em suas diversas conceitualizações, teorias críticas e crítica literária

Priscila Thaiana Alves de Oliveira
Graduada em Letras
FECLI/UECE.
priscilathaiana@gmail.com

Maria do Socorro Pinheiro
Professora do Curso de Letras FECLI/UECE. Doutora em Literatura e Interculturalidade – UEPB.
socorro.pinheiro@uece.br



Priscila Thaiana Alves de Oliveira
Maria do Socorro Pinheiro
DOI: <https://doi.org/10.56814/cd9eqb84>

A NARRATIVA ERÓTICA DE IVANA ARRUDA LEITE: QUATRO CONTOS EM ANÁLISE

RESUMO: Este artigo faz um estudo de quatro contos de Ivana Arruda Leite, que fazem parte da obra *Histórias da mulher do fim do século*, (1997). Tem-se o objetivo de analisar como o erotismo está configurado em cada um dos contos: “Romã”, “O fim de semana de uma solteirona”, “Lionete G. Pereira” e “Elza prima leoa”. São narrativas que traduzem a rotina de personagens femininas envolvidas num cotidiano erótico, anunciando seu desejo de viver no âmbito da sexualidade, do amor, do sexo, do desejo, da descoberta do corpo, numa linguagem capaz de expressar o empoderamento feminino. Para tanto, manteve-se um diálogo com estudiosos que discutem a categoria erótica, como Bataille (1987), Paz (1994), Branco (2004). Espera-se, portanto, que este estudo possa ampliar as discussões sobre a temática erótica literária de autoria feminina.

Palavras-chave: Erotismo. Contos. Autoria Feminina.

INTRODUÇÃO

Quando, em 1951, a escritora Ivana Arruda Leite nasceu, já havia algumas mulheres escrevendo no Brasil desde os meados do século XIX, como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida, Emília Freitas. E no início do século XX, havia Gilka Machado, com seu primeiro livro *Cristais Partidos*, de 1915, Cecília Meireles, com *Espectros*, de 1919, Madame Chrysanthème, com *Energadas*, de 1922, Henriqueta Lisboa, com *Fogo-fátuo*, de 1925, Carolina Nabuco, com *A sucessora*, de 1934, Rachel de Queiroz, com *O Quinze*, de 1930, entre outras. Em 1944, Clarice Lispector publicou seu primeiro livro *Perto do Coração Selvagem* e em 1950, Hilda Hilst estreou com *Presságios*. Naquele início de século havia uma presença marcante da autoria feminina em todas as regiões do país. Muitas escritoras estavam dentro e fora de suas aldeias, lutando pelos seus direitos e dando voz a outras tantas que não tinham o direito de ser ouvidas.

Mesmo as mulheres atuando num cenário cultural e artístico e ganhando espaço em jornais e livros, não foram poucas as tentativas de Ivana Arruda Leite, natural de Araçatuba, São Paulo, para ingressar no universo literário e algumas sem sucesso. Começou aos 14 anos escrevendo poesia, logo após passou para a prosa. Vivenciou grande saga com as editoras, para as quais enviava seus textos e delas recebia, vez ou outra, um não, e, na maioria das vezes, apenas o silêncio. Sua primeira publicação foi o livro de contos *Histórias da mulher do fim do século* pela Editora Hacker, 1997. Publicou outros livros de contos, como *Falo de Mulher* (2002), *Ao Homem que não me quis* (2005) e *Cachorros* (2014), nos quais permitem que o leitor mergulhe no cotidiano feminino. É autora de romances, novelas e poemas, além de ter organizado e participado de muitas antologias, nacionais e estrangeiras.

Dos vinte e nove contos que compõem *Histórias da mulher do fim do século*, interessa-nos quatro que trazem situações de eroticidade, evidenciando a presença do corpo e da sexualidade. Com uma linguagem simples que envolve o leitor desde a primeira linha até a última, a autora utiliza-se de espaços do cotidiano para expressar suas temáticas por intermédio de mulheres que ela diz existir, mostrando o real e o ficcional, como podemos conhecer nos contos selecionados para este estudo: “Romã”, “O fim de semana de uma solteirona”, “Lionete G. Pereira” e “Elza prima leoa”. A partir de uma leitura interpretativa, seguindo o que Bosi (1988, p. 281) apregoa em seus estudos: “se a análise literária é uma leitura de expressões, e não um recorte de segmentos materiais, ela não pode separar-se do trabalho da interpretação”,

analisamos os contos e como o erotismo está vivenciado nas personagens femininas, pois seus desejos gravitam em torno de si mesmas, de fantasias e expectativas que elas criam para viver o momento, sejam a sós ou acompanhadas, como vamos constatar em cada conto estudado.

“ROMÃ”

Foucault relata em *A Ordem do Discurso* (1996, p. 06) sobre a dificuldade de começar: “Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter que começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico”. Também sentimos desejo de logo passar para o outro lado do discurso. Talvez pela temática erótica que estamos analisando, pois, ao mesmo tempo que nos desperta interesse e fascínio também nos causa temor, algo terrificante, por ser um campo cheio de mistério, no qual ainda estamos descobrindo.

O primeiro conto a ser analisado é “Romã”, cujo título nos remete ao fruto da romãzeira, uma árvore milenar, presente nos textos bíblicos e associada às paixões e à fecundidade. A coloração rosa, escura e avermelhada da romã e suas diversas sementes estão relacionadas à fertilidade e ao sangue vital. Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 787) afirmam que:

O simbolismo da romã está ligado ao simbolismo mais geral dos frutos que têm muitas pevides (cidra*, abóbora*, laranja*). É, antes de mais nada, um símbolo de fecundidade, de posteridade numerosa. Na Grécia antiga, a romã era um atributo de Hera e de Afrodite; e em Roma, o toucado das noivas era feito de ramos da romãzeira (*Punica granatum*). Na Ásia, a imagem da romã aberta serve à expressão dos desejos – quando não designa expressamente a vulva. O que confirmaria a lenda de uma imagem popular vietnamita: a romã se abre e deixa sair cem crianças. Da mesma forma, no Gabão esse fruto simboliza a fecundidade maternal. Na Índia, as mulheres tomavam suco de romã para combater a esterilidade.

Diante do simbolismo da romã, vemos no conto trechos que estão voltados à expressão dos desejos e aos órgãos genitais femininos, simbolizando o desejo e a sexualidade feminina da adolescente narrada no texto, vivenciando um processo de transformação de menina para mulher por meio da descoberta de seu corpo, como um território seu, ao viver suas emoções e sensações. Grijalva pontua (2020, p. 10): “assumo meu corpo como território político porque o entendo como histórico, e não biológico”. A

garota descobre as sensações do próprio corpo ao tocar seu sexo, dentro da capela, algo inusitado por ser espaço de oração:

Sozinha na capela, sentada no último banco, a menina enfiava as mãos por baixo da saia do uniforme azul-marinho e achava lindas as suas coxas. Eram lindas e eram duas. Podiam separar-se até o infinito, mas na origem juntavam-se numa coisa só, altar da transformação (LEITE, 1997, p. 51).

A personagem é uma menina, usa uniforme, provavelmente uma estudante. Não há informações no conto sobre seu nome, mas sobre seu corpo, sim; pois era dona de lindas coxas que unidas eram o “altar da transformação”. Ela atinge um estado de plenitude, marcado pelo prazer que a satisfaz quando se toca, vivendo uma experiência erotizada. Como cita Xavier (2007, p. 157) em sua definição de corpo erotizado, “trata-se de um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica”.

Ao se tocar, a adolescente passa a enxergar-se como mulher, ficando assim encantada com suas formas, capaz de vivenciar sensações e o despertar do prazer, “assim, o corpo erotizado pode ou não estar envolvido pelo amor, mas estará, seguramente, vivendo sua sexualidade” (XAVIER, 2007, p. 158). A menina “sentia-se ela própria corpo e sangue de Jesus” (LEITE, 1997, p. 51). Assim como Cristo vivenciou uma transformação do corpo e do sangue, passando de um estado físico para o espiritual, ela também vive uma transformação de menina para mulher. É um momento de êxtase no qual se sente transformada, passa para o estado de desejo e vivencia-o em um ato de devoração de si mesma.

No conto “Romã”, a personagem tem um perfil transgressivo quando se masturba, ainda mais dentro da capela, lugar sagrado, como retrata o trecho: “Devagar molhava a mão no húmus e apertava com os dedos o botão que havia ali. Depois depositava na língua a estranha comunhão. Cor-de-rosa claro e cor-de-rosa escuro” (LEITE, 1997, p. 51). A autora usa a metáfora do húmus para comparar a mulher à terra. Faz associação ao húmus, material orgânico que ajuda a restabelecer a fertilização da terra preparada, molhada e adubada. A mulher é a imagem da fertilidade, assim como a terra. Outra metáfora é a do botão, para representar o órgão genital feminino. A adolescente excitada coloca os dedos na língua para sentir o gosto do seu próprio corpo, da comunhão, relação harmoniosa entre coisas distintas, simbolizando o ato de conhecer o estado em que se encontra, provando o sabor da sensação materializada. O conto também apresenta cores quando cita cor-de-rosa claro e

cor-de-rosa escuro, fazendo referência às cores da romã, que representa o sangue vital da mulher, como mencionado anteriormente. E fazendo uma outra leitura, podemos interpretar como a coloração do órgão genital feminino.

A adolescente faz um percurso erótico pelo seu corpo, como lemos no trecho: “Coma ponta do indicador escavava o umbigo para encontrar o rubi que escondera, mas não se atrevia a tirá-lo de lá. Ninguém podia. Pela escarpa das costelas chegou ao topo das montanhas adolescentes e guardou-as inteirinhas na palma da mão” (LEITE, 1997, p. 51). A autora usa o rubi como metáfora para representar esse momento precioso na vida de uma adolescente, no qual a menina está conhecendo seus desejos e prazeres. O rubi pode significar prosperidade e energia.

Ela descobre outros pontos importantes de seu corpo, como o umbigo. Continuando o percurso, ela toca os seios, que no texto é descrito metaforicamente como o “topo das montanhas adolescentes”. É uma experiência erótica que ela vive consigo mesma, descobrindo as diversas sensações eróticas do corpo, como na passagem do texto: “Como quem faz lição de casa, desenhou lentas espirais ao redor do bico. Os minúsculos pelos pareciam tufos de grama nova. Depois foi descansar nas axilas, o buraco que esconde o cheiro. Estava morno o buraco” (LEITE, 1997, p. 51). Nesse trecho, ela chega aos seios e sente as sensações pelo toque suave que faz em torno deles, despertando arrepios, como se pode ver por meio da metáfora ao se referir aos “tufo de grama nova”. Depois de vivenciar as sensações, descansa nas axilas, zona erógena que causa atração e sensação de prazer em algumas pessoas.

Podemos também observar nesse conto as diversas passagens que fazem alusão ao Cristianismo:

Para além das axilas, os braços, católicos braços, escoteiros, incansáveis, e ao final dos braços as mãos, dez segredos guardados em cada uma. Olhando por cima dos ombros, o rosto, sorrindo meio de lado. Parecia o rosto de uma santa. Quando chegou sua vez, levantou-se e foi até o confessionário. Sua mão cheirava a romã. Ela poria a romã bem pertinho do nariz do padre para que ele também sentisse o perfume enquanto ouvisse os seus pecados (LEITE, 1997, p. 51).

Braços e mãos no exercício da descoberta do corpo, como uma representação poética dos mistérios vivenciados, “dez segredos guardados em cada uma”. O erotismo existente no conto configura-se nos prazeres do corpo, mas não se afasta da esfera sagrada, de algo divino. Ela não busca por Deus, no entanto se encontra numa capela. Seu desejo é pelo seu próprio corpo, que tem uma sacralidade, como nas

expressões “braços católicos”, “rosto de uma santa” e nas palavras “confessionário”, “padre”, “capela”. Ao se parecer com uma santa reflete a imagem de inocência proveniente da idade, visto que a mudança dela é interior, não significando, necessariamente, uma mudança física.

Como vimos, o fruto da romã é o símbolo do desejo e da sexualidade feminina, portanto, o uso da metáfora para denominar o cheiro do gozo: “sua mão cheirava a romã”. Por fim, ela tem uma intenção provocativa quando diz: “Ela poria a romã bem pertinho do nariz do padre para que ele também sentisse o perfume enquanto ouvisse os seus pecados” (LEITE, 1997, p. 52). Nesse caso, podemos interpretar que seus pecados seriam o ato de descoberta dos prazeres do corpo, da masturbação na capela, visto que a igreja como instituição conservadora repudia o ato da masturbação. Como reforça Branco (1985, p. 24):

A história da sexualidade no mundo ocidental desenvolveu-se estritamente vinculada à noção cristã de pecado. Adão mordeu a maçã e o homem, eternamente manchado por esse deslize original, trazendo consigo o gérmen pecador, perdeu o direito ao paraíso para cair num mundo imperfeito, repleto de serpentes tentadoras. A possibilidade da transgressão sexual tem, assim, como resposta imediata, a condenação a essa terrível sanção bíblica. É compreensível, portanto, que a história do erotismo no mundo cristão se escreva como a história de sua repressão.

A capela como espaço de oração passou a ser o lugar de realização do desejo. A masturbação condenada pela igreja, como imoral e pecaminosa, é vivida com naturalidade. A prática do sexo encontra outra finalidade. O sexo, o desejo e o prazer são aspectos da vida interior, decerto se aliam mediante outros fins e sem se importar em perder “o direito ao paraíso”. A garota vivenciou no conto a descoberta de sua sexualidade, descrita em cenas entremeadas de erotismo configurado no corpo em estado de desejo.

“O FIM DE SEMANA DE UMA SOLTEIRONA”

O conto começa com a “solteirona” narrando sua rotina durante a semana. Logo no primeiro trecho a personagem cita o início de sua semana, a segunda-feira, como um “descanso” do que foi vivenciado durante o fim de semana: “não concordo com os que acham a segunda o mais chato dos dias. Para mim, ela é o repouso, o descanso, a volta à normalidade. Como dizia minha avó: nada melhor que canja depois da comilança”

(LEITE, 1997, p. 65). Podemos identificar que a personagem usa metáforas para expressar a volta da rotina de trabalho após o seu ritual erótico. Durante a semana tudo se dá normalmente, do trabalho para casa, de casa para o trabalho, horários controlados, alimentação mais saudável e regrada, até a chegada da sexta-feira, que é quase santa, dia que a expectativa aumenta, a rotina é deixada de lado, a alimentação e os hábitos mudam:

Na sexta à tarde tudo já está diferente. A sexta não é como os outros dias, nem a noite de sexta como as outras noites.

Chego em casa do serviço e tomo uma dose de uísque. Ponho três pratinhos de aperitivos sobre a mesa da cozinha e vou lambiscando enquanto preparo o jantar.

Diariamente janto às seis e meia. Na sexta, janto mais tarde. Além disso, a comida é sempre mais saborosa, nada de verduras, legumes. Na sexta me permito certas extravagâncias.

Quando a comida fica pronta, pego o prato e vou comer em frente a televisão. A quantidade de canais ao meu dispor, me faz sentir num carrossel. Lá pela meia-noite subo para o quarto e ligo a televisão que tenho em frente a cama. A tevê desliga sozinha, ela tem esse comando (LEITE, 1997, p. 65).

O conto em análise narra um final de semana especial, “na sexta à tarde tudo já está diferente” (LEITE, 1977, p. 65). Nesta narrativa, a ambiência erótica já começa com a expectativa que a personagem solteirona tem em relação à chegada do sábado, para o encontro que terá com ela mesma. O erotismo em torno da personagem suscita o momento de prazer aguardado durante toda a semana, portanto, essa espera é erótica. A solteirona vive uma experiência pessoal, valoriza sua individualidade e afetividade, além de considerar seu tempo de intimidade como curtição, encontro, glória, querer, privacidade e desfrute, dada à afirmação: “na sexta me permito certas extravagâncias” (LEITE, 1997, p. 65). Podemos observar no trecho acima que existe um discurso pautado na rotina em que a personagem vive, há uma expectativa que se torna maior na sexta-feira, dia que antecede a prática sexual da personagem. Para ela, o “descanso” da rotina semanal inicia-se nas mudanças de hábito ocorridas na sexta. Tudo se torna mais “leve”. Há uma espera pelo dia de sábado:

No sábado acordo sem preocupação. Abro a janela e acho o dia lindo. Dou uma ligeira arrumada no quarto e desço para o café da manhã. Leio o jornal sobre a mesa da cozinha ao som dos passarinhos que fazem uma gritaria danada no quintal. Para eles também o fim de semana é uma festa.

Sábado é dia de ir à feira, abastecer a geladeira para a próxima semana. Tudo sem exagero, detesto jogar comida fora. Como um pastel de palmito e volto para casa. Antes de chegar, paro no posto de gasolina e abasteço o carro para a próxima semana. Enquanto preparo o almoço, vou bebericando um bloody mary. Faço o prato e vou comer em frente à televisão. Quando começo a cochilar, vou dormir na cama. Ligo a televisão, mas pego no sono imediatamente. A televisão desliga sozinha, conforme já falei, ela tem esse comando.

Acordo lá pelas quatro da tarde, como muita sede e vontade de tomar café. Desço, faço um café bem cheiroso, tomo duas canecas até a boca e leio alguma coisa até o dia escurecer.

À noite, esquento o que sobrou do almoço, faço meu prato e vou comer em frente à televisão. Não estou acompanhando novela no momento. As novelas são todas iguais, sempre a mesma coisa (LEITE, 1997, p. 65).

Conforme o trecho, o sábado é um dia festivo, sua rotina é diferente dos demais dias. Ela pode viver para ela mesma, sem cumprir horários e sem preocupações. Sente a presença da natureza, escuta os passarinhos, acorda e come a hora que quer, tem tempo para ler e assistir à televisão. O tempo é seu. O final de semana permite o contato com atividades que na semana são impossíveis de realizar. São coisas simples do seu modo de viver.

Perto da meia-noite, preparo uma dose de uísque e subo para o quarto à espera dos filmes pornôns que passam na televisão. Muita vulva cabeluda, muita perna, muita bunda, mas nenhum beijo, nenhuma mordida pra valer. Nada penetra nem satisfaz. Meu prazer é muito mais verdadeiro que o das mocinhas da têve, chego a molhar minha mão inteira. Qualquer dia tomo coragem e compro um pênis de borracha. Exausta, pego no sono imediatamente. A televisão desliga sozinha, ela tem esse comando (LEITE, 1997, p. 66).

Observamos sua liberdade, seu jeito despreocupado de viver ao preparar uísque e assistir aos filmes pornôns. As imagens pornográficas e o uso da bebida deixam a personagem à vontade. Ela sente prazer em ficar com ela mesma, sozinha num quarto, num exercício de excitação que chega a molhar a mão inteira. Esse é um retrato da cena erótica, da intensa emoção que ela vive na sua intimidade, pois “o erotismo é definido pelo segredo” (BATAILLE, 1987, p. 278).

Bataille (1987) afirma que o erotismo leva à solidão, definido pelo secreto e que a experiência erótica se situa fora da vida ordinária. Vemos no conto essa relação entre o erotismo e a solidão, ambos em sintonia. A completude da personagem se dá com ela

mesma, tendo em vista a vivência da sua própria sexualidade, alimentando seu imaginário pelo ato de se masturbar, assim como a garota na capela.

O título do conto, aliás, bastante sugestivo, já faz alusão a uma característica da personagem, que após a morte do marido passa a viver solteirona, fazendo o que quer, em pleno exercício de sua imaginação erótica. Diante do modo de viver seus desejos, o erotismo se presentifica em todas as ações da personagem, na espera pelo fim de semana, nas ações que realiza, como experiência do corpo e da alma. Essa mulher sem nome talvez represente todas as mulheres que vivem em perfeita harmonia com sua solidão e sexualidade, que se satisfazem com o prazer que sentem por si mesmas, que encontram motivação nos filmes pornôis para apimentar o gozo.

“LIONETE G. PEREIRA”

O conto “Lionete G. Pereira”, narrado em terceira pessoa, leva o nome da personagem principal no seu título. Aparentemente uma mulher madura, que tem ao longo dos seus dias um relacionamento amoroso. No conto há várias passagens que relatam as aventuras sexuais da personagem e os momentos de prazer ocorridos no decorrer do seu dia de trabalho. É pelo viés imaginativo que ela vive suas experiências eróticas. Sobre o poder do imaginário, explica Laplantine e Trindade (1996, p. 09): “O imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens”.

O texto nos traz, inicialmente, a ideia de um amor real e físico como elemento de uma manifestação erótica. No entanto, o conto expressa um erotismo vivido no imaginário da personagem Lionete, que encontra no decorrer da narrativa subterfúgios para saciar seus desejos eróticos:

-Lionete, vem pôr a mesa.

Foi só o tempo de levantar a calcinha e correr para a cozinha.

-Lavou a mão, Lionete?

-Lavei sim senhora. É já que eu ponho a mesa.

Enquanto os patrões jantavam, ela deu uma espiada no quarto do quintal. Ele estava lá, esperando por ela, lindo como sempre. Suspirou fundo e levou o suco de manga (LEITE, 1997, p. 87).

Lionete, como mostra o fragmento acima, provavelmente já estivesse em um estado de excitação quando foi chamada para colocar a mesa: “foi só o tempo de

levantar a calcinha e correr para a cozinha". As palavras "levantar", "calcinha" e "correr" são indicadoras de uma experiência erótica criada por um jogo de imagem que a autora elabora por intermédio do narrador.

O ato de se tocar leva a uma experiência de excitação. A mão dela é o meio pelo qual alimenta seu desejo. Ela usa a fantasia, levando o leitor a crer que existe alguém que a espera, "ela deu uma espiada no quarto do quintal. Ele estava lá, esperando por ela, lindo como sempre". Todavia, ninguém a espera. Seu processo imaginativo cria toda uma ambiência erótica, que desperta emoções e expectativas. Segundo Laplantine e Trindade (1996, p. 08), "a representação imaginária está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas".

Podemos ver no seguinte trecho do teor erótico descrito pelo narrador acerca das atitudes de Lionete em relação ao seu "amor". A casa dos patrões é o espaço onde acontece o cenário erótico da personagem, quando tem uma "folguinha" para usufruir das sensações ocasionadas pela sua imaginação:

- Quantas vezes eu já te falei que não é para adoçar o suco, Lionete, você não aprende. Ela aprendia, mas esquecia, era tanta coisa pra guardar. Deu uma olhada no vidro do forno, seu rosto pegava fogo. A campainha.

- Eu e o doutor vamos sair. Não passe a corrente na porta senão eu não entro. Não durma com a televisão ligada. Apague todas as luzes e tranque a porta do quintal.

Tanta coisa pra guardar. Antes de meter a mão na louça, Lionete sentiu de novo o cheiro dele na ponta dos dedos. Lambeu-os devagar para saborear a delícia, a boca se encheu de água. Pela janela, pedia calma: - Me espera mais um pouco neguinho, só falta passar pano no chão.

Rodo vai, rodo vem, Lionete foi trançando as pernas no cabo do rodinho até que, puxando a calcinha de lado, enterrou a madeira na mata dos pelos molhados, requebrando feito louca no meio do matagal. A boca estava que era uma cereja de polpa e mel. Quando uma farpa espetou fininho, ela recompôs-se, pendurou o rodo atrás da porta e espiou pela janela. Hoje ele tá que não se aguenta (LEITE, 1997, p. 87).

No trecho acima, observamos o desejo que consome sua mente a ponto de esquecer as obrigações do seu trabalho, "ela aprendia, mas esquecia, era tanta coisa pra guardar". O desejo de Lionete perpassa a imaginação e se apresenta em forma de reação física, como nas expressões, "meter a mão", "o cheiro dele", "a ponta dos dedos", "lamber", "saborear a delícia", "a boca cheia de água". Essas ações são reais e levam a personagem a sentir desejo, embora o amado seja fictício: "- Me espera mais um pouco

neguinho, só falta passar pano no chão.” A forma “neguinho”, a qual Lionete se refere, nos leva a crer na existência real do amado, no entanto existe somente em suas fantasias, que transcorrem por meio de objetos, como o cabo do rodinho que trançam suas pernas.

A atividade erótica da personagem é fantasiar momentos de sexo e usar a masturbação para concluir esse desejo recorrente em diversos momentos do dia. A personagem usa uma linguagem metafórica para descrever a masturbação: “a boca estava que era uma cereja de polpa e mel”. Lionete vive sensações de extremado desejo, que pode ser notado quando diz: “hoje ele tá que não se aguenta”.

Tudo pronto, hora de dormir. Antes, porém deu uma última olhada na geladeira. Bebeu suco adoçado na jarra mesmo e meteu o dedão no espinafre com molho branco que serviria amanhã. Mas continuava com vontade de comer não sei o que. Lembrou de uns bombons que o doutor guardava no escritório. Já vou meu bem, já vou. Abriu a gaveta e pegou o mais bonito. Desatou a rir quando a pasta branca e leitosa escorreu pelo seu queixo. Será que é uísque? Esticava o linguão se limpando, se lambendo, adorando. Tirou a calcinha e untou as dobras com licor e chocolate. Ele vai adorar. Na pressa esqueceu a calcinha no escritório. Trancou a porta da cozinha, guardou a chave no bolso e correu para o quarto. Com as faces afogueadas e a boca de cereja e mel, deitou-se na cama. Foi só o tempo de levantar o avental, abrir bem as pernas e mostrar a surpresa ao Roberto Carlos grudado na parede (LEITE, 1997, p. 88).

Há uma simbolização do desejo de Lionete por meio de ações que ela executa, como preparação para a suposta relação amorosa que logo terá. O conto nos surpreende quando revela que o quadro de Roberto Carlos é o seu principal interlocutor. Ela usa do imaginário erótico para sua experiência corporal e cria a figura de uma outra pessoa para a realização erótica.

O erotismo nasce da fantasia, de todo um processo imaginativo. No caso de Lionete, o desejo se alimenta no seu imaginário, suscitando sensações reais que ela experimenta. Seu imaginário constrói um universo todo erotizado expresso nas palavras “lamber”, “meter”, “linguão”, “dedão”, “boca”, “queixo”, “pernas”, significando a realização de seus desejos, sem que a existência do outro seja real, pois na fantasia do quadro de Roberto Carlos está a concretização da qual necessita. É para o quadro na parede que ela abre as pernas e vive o desejo.

“ELZA PRIMA LEOA”

Neste conto, o narrador-personagem tem fascinação, espécie de encantamento, por sua prima Elza. No decorrer da narrativa podemos ver que o teor erótico se dá por meio de vários momentos em que o primo mais novo de Elza vivencia com ela. Octavio Paz (1994, p. 19), em seu livro *A Dupla Chama* (1994), nos diz que o “erotismo é, em si mesmo, desejo – um disparo em direção a um mais além”. O desejo que o primo tem de estar com a prima Elza o leva aos devaneios.

O título é provocativo pela presença da palavra leoa, que parece ser uma metáfora da beleza da personagem Elza, uma mulher vistosa, independente, charmosa e bonita. Logo no primeiro trecho, vemos a imagem de Elza descrita pelo primo:

Vista assim, nua sobre a cama, Elza parece uma leoa com os cabelos soltos sobre o travesseiro. Eu tinha doze anos quando a conheci no velório de vovô. Sempre ouvira falar da prima rica e bonita que morava no Rio de Janeiro. Na verdade, já nos conhecíamos. Elza havia passado um natal em casa há tempos atrás, mas eu não lembrava mais. Até hoje, depois de tantos anos, toda vez que nos encontramos, ela faz questão de contar tudo de novo, desde o dia em que me viu sentado ao lado da árvore de natal, menino de cinco anos esperando papai Noel (LEITE, 1997, p.91).

A descrição que o narrador-personagem faz da prima Elza é de eroticidade, pois a descreve nua sobre a cama, compara a uma leoa, detalha os cabelos soltos sobre o travesseiro, criando uma imagem erótica pela nudez do corpo, pela sensualidade dos cabelos à mostra. Essa imagem coloca o menino de doze em anos em ação, sempre ouvira falar da prima e poderia agora ficar mais perto dela. As lembranças sobre a prima rica e bonita alimentam seu imaginário de menino e adolescente, que guardou na memória os modos da prima se comportar:

Assim que avistou-me com papai, aproximou-se em passos de conforto. “Como está crescido este menino”, comentou baixinho. Colocando minha mão pequenina entre as suas enfileirou-me uma porção de perguntas que eu respondia e murmúrios, fascinado. Quando voltamos para casa depois do enterro, mamãe sentou-se com as primas na sala de estar, enquanto Dinda preparava o lanche. As crianças brincavam na varanda, mas preferi ficar entre os adultos. Aceitei de pronto o convite para sentar-me ao seu lado, na mesma poltrona. Quando Elza passou-me os braços pela cintura miúda, senti que não me deixaria sair nunca mais. (LEITE, 1997, p. 91)

A fascinação por Elza começou ainda criança. Descreve detalhes da roupa e dos acessórios que ela usava. Há algo que o aprisionava e não somente “os braços pela cintura miúda”. A partir dali ele foi envolvido pelos encantos do amor. A diferença de idade não impediu que Elza (bem mais velha) e o primo (jovem rapaz) fossem amantes, nem por ela ser casada.

Eu olhava pasmado seu rosto imenso tão perto do meu, os olhos cor de mel, o cabelo cor de mel, o perfume, a voz cor de mel. Elza parecia uma estrela de cinema. Nunca tinha visto mulher como aquela, não tão de perto. Com cuidado, mas sem nenhum receio, puxei o grosso cordão dourado e desfiz o torcido dos mil à procura do que se escondia no vão dos seios. Uma turmalina em moldura de ouro. No verso a inscrição: Ao meu amor, com muito amor (LEITE, 1997, p. 92).

Entre os dois primos surgem uma forte atração alimentada pelos interditos e movida pelo desejo. As frases trocadas entre ambos, as perguntas da prima, como “O que você quer jantar hoje, lindinho?”, “Você acha que eu vou deixar sair assim, lindinho?”, os carinhos, os beijos, a forma de tratamento “lindinho” e as promessas da prima rendiam o jovem rapaz aos encantos daquele momento. Segundo Paz (1994, p. 35):

A atração que experimentam os amantes é involuntária, nasce de um magnetismo secreto e todo-poderoso; ao mesmo tempo, é uma escolha. Predestinação e escolha, os poderes objetivos e os subjetivos, o destino e a liberdade se cruzam no amor. O território do amor é um espaço imantado pelo encontro de duas pessoas.

Tudo era magnetismo. As ações dos primos confluíam para um estado amoroso de muita expressão, como rir baixinho para ninguém se acordar, caminhar à beira do mar: “fomos tomar a fresca na praia para ver se o sono vinha” ou então “andamos abraçados até muito longe”. Esse cenário erótico está permeado de encontro, fantasia e querer. E se tivesse permanecido assim já seria algo extremamente prazeroso e de acentuado erotismo. No entanto, a rotina “de todas as noites” foi se modificando até que os dois beijaram-se e tornaram-se amantes, como no trecho: “nossas canelas já estavam quase submersas quando nos beijamos. Língua devassando boca tão conhecida, há tanto esperada. Corpos defeitos no mar. Atravessei a nado o corpo de uma mulher em busca da turmalina que vi um dia. Ao meu amor, com muito amor” (LEITE, 1997, p. 94-95).

Os primos não se largaram: “Elza foi a primeira mulher da minha vida e isto foi aos dezoito anos” (LEITE, 1997, p. 95). Duas vezes por ano se encontravam e novamente vivenciavam o impulso do desejo, a espera e o encontro, a vontade de ficar juntos e de viver o fascínio do momento: “quase sempre dormimos juntos”. A experiência amorosa entre os primos tem algo de mistério e sedução. Esse acontecimento causou um rompimento do que se estabelecera como modelo de casamento adotado pela sociedade patriarcal, a promessa de fidelidade. Havia neles o que Bataille (1987) chamou de “poder de transgressão de um interdito”.

Elza era uma mulher independente, livre, bela e determinada. E o primo não resistiu aos encantos do amor. Portanto, vemos no conto a expressão de um erotismo fortemente direcionado ao outro, no estado de cupidez de um momento, sem cobranças, mas com mistério e disfarces, numa linguagem aconchegante: “pede que eu lhe jure eterno amor. Eu juro”, intercalada por olhares, suspiros, idas, vindas e juramentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ivana é uma escritora importante no cenário literário brasileiro. É a prova de uma mulher que conseguiu superar a dificuldade do que é viver de literatura no Brasil, visto que, após a publicação do livro *Falo de Mulher*, em 2002, como ela explicitou, passa a se dedicar exclusivamente à literatura. A autora de contos e romances, que aborda o universo feminino em temáticas diversificadas sobre amor, vingança, empoderamento feminino, traição, solidão, sexualidade e desejo, tem um caminho literário vasto.

Em todas as personagens dos contos analisados, a realização do desejo se fez pelo caminho da fantasia, ora por meio da masturbação, ora pela realização do ato sexual. As experiências eróticas que visam sempre a presença do outro ocorreram mesmo quando as cenas de desejo se vivenciaram no ato da masturbação. As personagens são livres, donas de si, sentem o desejo, reivindicam para si diferentes formas de viver e se realizam no espaço do próprio corpo ou no corpo do outro.

A garota da capela, a solteirona e Lionete vivem seu erotismo nas excitações feitas ao seu próprio corpo, como exclusividade delas mesmas, nas ambiências e nos objetos que elas fantasiam. No caso dos primos, eles assumem o ato erótico e o ato sexual numa intensidade que demonstra o querer de cada um para ficar com o outro. Havia convites, encontros programados, passeios e viagens que pressupunham o sexo. As personagens dos quatro contos assumem a condição de sujeito desejante, que na sua individualidade prezam pelo desejo e prazer.

Ao pensar o erótico, pensamos em uma realização com a presença do outro, de fusão, de aliança entre duas pessoas, como é o caso do conto “Elza Prima Leoa”. Há uma relação sexual entre duas pessoas e um sentimento que ultrapassa a relação de primos. A concretude se dá em ambos por meio da realização amorosa vivenciada por eles. Mas, nada impede essa erotividade individualmente, como é caso das outras três narrativas, que por intermédio da fantasia o outro se faz presente, tornando-se real no imaginário.

Percebemos que a experiência erótica não está apenas no sexo em si, mas nos detalhes, nos objetos, nos lugares, na linguagem, nos afetos, no silêncio, na solidão, no quadro de Roberto Carlos, em tudo que constitui e integra a complementaridade do ser, seja sozinho ou acompanhado. Lembra Bataille (1987) que o erotismo é uma experiência unicamente humana, portanto, é essa experiência que integra as personagens dos contos como seres desejantes e que trazem a vivência da sexualidade ao seu modo, sem se prender ao sexo.

O erotismo literário traz à tona narrativas que presentificam particularidades próprias do ser humano. São narrativas que mostram ações comuns de personagens no âmbito da sexualidade, do amor, do sexo, do desejo, da descoberta do corpo, numa linguagem rica em metáforas. Ivana Arruda Leite erotiza a vida e o cotidiano de suas personagens, com descrições jocosas, palavras ambíguas, imagens e símbolos que aguçam o imaginário do leitor. Nada mais erótico do que passar os dias aguardando o final de semana para viver o encontro e a ligação consigo mesmo, a capacidade amorosa, o impulso e a força vital.

REFERÊNCIAS:

BATAILLE, G. *O erotismo*. Tradução de Antônio Carlos Viana. – Porto Alegre: L&PM, 1987.

BOSI, A. *Céu, Inferno: Ensaio de Crítica Literária e Ideológica*. Editora Ática, São Paulo. 1988. 1ª edição.

BRANCO, L. C. *Eros travestido: um estudo do realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)* / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant | e a colaboração de André Barbault... | et al. | : coordenação Carlos Sussekind; tradução, Vera da Costa e Silva ... | et al. | . – 2ª ed. (1ª reimpressão) – Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GRIJALVA, D. G. *Meu corpo é um território político*. Tradução Sandra Bonomini. Zazie Edições, 2020.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos).

LEITE, I. A. *Histórias da Mulher do fim do século*. São Paulo: Hacker Editores, 1997.

PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

XAVIER, E. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: ed. Mulheres, 2007.